

# O Autor e o Livro

Nelson Werneck Sodré que os críticos literários consideram historiador e ensaísta de fôlego, desde que veio a luz a sua História da Literatura Brasileira, confirma com o lançamento de "Ofício de Escritor" e "O Naturalismo no Brasil" (Civilização Brasileira), os seus conceitos de que o talento não deve excluir o caráter. É ele que afirma "Aquele que não tem condições para enfrentar a verdade e para proclamá-la, sejam quais forem as conseqüências, não tem condições para ser escritor". Ambos livros extremamente importantes para o estudioso e igualmente interessantes para o leigo, dada a linguagem sem tecnicismos exageros em que são vasados, servem de pretexto para a entrevista que pedimos ao escritor:

## 1 — Dados biográficos

Nasci no Rio a 27 de abril de 1911. Sou general da reserva do Exército. E no mais, escritor. Não tenho biografia, sou portanto, o homem feliz.

## 2 — Primeiros "sintomas" literários?

Muito cedo os tive. Foi doença de infância que começou no colégio e par aí prosseguiu.

## 3 — Foi menino prodígio?

Não. Só estudava aquilo de que gostava, portanto era bom aluno em algumas coisas, mau noutras. Segui o caminho natural, escrevendo em revistinhas do colégio e depois na imprensa — colaborações avulsas, mais tarde tornadas sistemáticas — até chegar aos livros. Era um leitor terrível que varava a noite, se minha mãe não fôsse apagar a luz do quarto. Lia muito e evidentemente, lia mal.

## 4 — Teve às custas das experiências poéticas da adolescência?

Não. Desde cedo me conveni de que não era poeta, de modo que jamais perpetrei um verso.

## 5 — Quando publicou o seu primeiro livro?

Em 1938, foi a História da Literatura Brasileira, hoje em 4.<sup>a</sup> edição.

## 6 — Já pensava então que o escritor, não sendo sacerdote nem missionário, é uma testemunha de seu tempo?

Não, essas idéias ainda não eram minhas. Foram adquiridas no curso das experiências da vida e da atividade de escritor.

## 7 — Acredita, pois, que haja passado a época da "art for art's sake"?

Passou, completamente. Como passou o seu inventor, Oscar Wilde, cujos epigramas não têm mais razão de ser e que no entanto, foram uma das seduções da minha adolescência. Não tem cabimento em nossa era porque ninguém pode ficar de fora da vida.



*Nelson Werneck Sodré*

Sejam boas ou más as posições que se toma, sempre se é participante, a própria atitude de afastamento sendo também uma forma de participação.

## 8 — Como explica o lançamento simultâneo dos dois livros?

Foram escritos ao mesmo tempo?

Por coincidência. São matérias acumuladas ao longo de uma vida de escritor. Escrevo muita coisa que vou guardando, quando tenho uma fase de pausa, ordeno, costuro, acrescento o que falta. Aconteceu assim com o "Ofício" e o "Naturalismo". A coincidência é apenas de edição.

## 9 — Como trabalha? Tem algum método ou obedece à inspiração?

Trabalho de cada vez em várias coisas: na parte de pesquisa, na parte de redação, na parte meramente de leitura, uma prevalecendo sobre as outras, conforme a fase em que estão. Não tenho inspiração. Trabalho muito, horas e dias seguidos. Sou um trabalhador organizado e sistemático e minha vida é quase que inteiramente devotada ao trabalho.

## 10 — Tem algum livro em preparo?

Tenho alguns. O que está mais próximo de sair, é a História da Imprensa no Brasil.

## 11 — E no gênero ficção?

Tentei a ficção na minha primeira fase literária e espero ter ainda uma pausa para voltar a ela. Outros trabalhos em processo de elaboração têm prioridade, só quando terminá-los, poderei encarar o trabalho de ficcionista, embora não acredite que venha a ter importância como tal. Não há exemplo de ensaísta que tenha alcançado êxito como ficcionista. E eu não penso que vá fugir à regra.

## 12 — Quais são os trabalhos que prepara?

Entre outros, estou escrevendo vagarosamente as minhas memórias que eu presumo que sejam um depoimento interessante pelo que revelam não só da vida militar no Brasil como da vida literária, porque elas se dividirão em memórias de um soldado e memórias de um escritor.

## 13 — Resumindo...

Tenho a esperança de que o "Ofício do Escritor" principalmente, desperte a atenção dos escritores e que eles discutam os conceitos ali emitidos. Estou certo de que não sou o dono da verdade, mas espero que desta discussão resulte uma melhor compreensão dos problemas.

Líder dos Diários Associados

avelmente esque-  
palões do maxixe  
dos meneios do  
ada pelos beijos  
a coreografia do  
i-lo ou já o proi-  
os bem, nós que  
do jitterburg.  
vivo, mas pelas  
que se trata, co-  
ully gully, o surf  
um exercício em  
precisão e à dis-  
marcações até o  
eijam na face ou

na frente, com aquêl form  
assexuado dos participantes da  
tas natalinas à base de "mist  
É claro que falamos da core  
original como é dançada nos  
dos Unidos, França e Inglaterra, e  
não da versão marc que os subde-  
senvolvidos daqui não querendo  
dar-lhe. De qualquer forma, quise-  
mos saber o que pensa a nova gera-  
ção da medida saneadora constitui-  
da pela repressão policial à dança  
que agride a família brasileira seja  
ela adepta ou não das marchas. Fo-  
tos (tiradas nas calçadas de Copa-

bana) e respostas de brotinhos diver-  
sos mostram que a dança não é tão  
maldosa assim. Mesmo porque é in-  
terpretada por gente que ainda não  
entrou no rol tartufiano de que "c  
n'est pas pêcher quand on pêche en  
silence" e gosta, portanto de exhibi-  
seus pecadilhos ou de sublimá-los  
em evoluções que — em última aná-  
lise — envelhecem antes mesmo de  
entrar em cena os "casse-têtes".  
Pois não é que em Paris, já nem se  
fala no Let Kiss, substituído pelo  
Pep que já está causando furo?

W. M.

# ou não beijar,

BRASIL NACIONAL

Reg. 1.355.227  
29/03/2012

# ...

entusiasmo. E a onda vai mor-  
endo.

Atualmente circulam boas  
desencontrados. Várias pes-  
soas afirmam que o Ministério  
da Saúde proibirá o letkiss", a  
não ser para as pessoas que te-  
nham prêso no pescoço um car-  
ão com atestado de boa saúde.  
No Mariu's Inn apareceu um  
investigador, não se sabe man-  
ado por quem, "aconselhando"  
o dono da casa a não deixar  
ançarem o "letkiss". Mário põe  
disco, mas agora é para ou-  
ir sentado. Enquanto isso no  
Katakombe os rapazes e môças  
continuum o seu prudente let-  
kiss" de pontinha de nariz, e  
até agora não apareceu nin-  
guém que o proibisse.

Quem vai acabar proibindo  
o ritmo é o próprio público fre-  
quentador de buates brasileiro.  
A dança é menos movimentada  
e tem menos beleza estética do  
que o "twist" ou o "surf", po-  
de criar complicações, enfim, é  
muito trabalho para quem po-  
de beijar a namorada em cal-  
ma e sossêgo e não está dispo-  
a emprestá-la a ninguém.

Queríamos a opinião dos  
"brotos" sobre o "letkiss" e de-  
a se conclui que se a nova dan-  
ça não chega a entusiasamá-los,  
eles porém a aceitam bem, a  
consideram sem maldade.



fôr dançando com a namorada,  
fica tudo em casa, a barra é  
limpíssima. Se fôr garôta es-  
tranha, melhor ainda, dá mais  
sensação, depois daqueles pas-  
sinhos todos.

por que a censura quer pro-  
bi-la:

— O surf tinha uns passos  
muito mais maldosos, o tang  
é muito mais indecente. O "le-  
kiss" parece uma polca, o b